



Uma reflexão sobre o fazer do pesquisador a partir da perspectiva da Transmetodologia¹

Taís Flores da MOTTA²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Resumo

Por que estudar tanta teoria se o que eu quero é fazer, isto é, praticar, minha futura profissão? Essa é uma pergunta que com frequência os professores do ensino superior precisam responder para seus alunos, das variadas áreas. Os cursos superiores devem se diferenciar dos técnicos principalmente pela criação e reflexão teórica. Mas estudar teoria não precisa ser uma coisa chata. É a teoria que nos ajuda a entender os fenômenos que observamos na prática. Ao contrário do que alguns pensam, entender a teoria não é atividade apenas para quem quer seguir a carreira acadêmica. Um bom profissional precisa conhecer as teorias desenvolvidas em sua área para ampliar, também, sua atividade profissional de forma plena, e não apenas como um repetidor de tarefas.

Palavras-chave

Transmetodologia; metodologia; teoria; pesquisador.

Introdução

Este texto tem a intenção de refletir sobre uma questão pertinente em várias áreas, mais especificamente na área da Comunicação. Ou seja, a presença da teoria e da prática nos cursos da graduação que se propõem a formar comunicólogos. As inquietações que levaram a essa reflexão estão presentes ao longo de todo o curso, quando percebemos que os alunos não compreendem a importância de atividades teóricas e têm sede de prática desde o primeiro semestre. Contudo, é no trabalho de conclusão desses mesmos estudantes que podemos perceber a radiografia dessa realidade.

Participo de bancas que avaliam trabalhos de conclusão dos cursos de comunicação desde julho de 2011; foram aproximadamente 50 bancas até a data deste texto. Embora meu *corpus* seja pequeno perto do universo de alunos que defendem suas monografias semestralmente, pude perceber uma questão recorrente, que nos ajuda na

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2014.

² Professora Ms. dos Cursos de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas da UNISINOS, email: tais@unisinos.br



reflexão proposta. Os trabalhos de conclusão de curso são produções que, em sua maioria, separam a prática da teoria. São densos ao apresentar diversas reflexões teóricas e autores, e também densos na apresentação de *cases*. Entretanto, não existe uma conversa entre as duas partes. São poucos os tensionamentos teóricos, ou seja, quase não encontrei questionamentos, aprofundamentos, confronto da teoria com a prática. Ou seja, grande parte dos alunos/pesquisadores não reflete seu problema de pesquisa junto e com os autores. Em vez disso, apenas toma suas questões teóricas como uma verdade absoluta, e o resultado é um “copia e cola” de ideias e autores que, muitas vezes, não tem relação alguma com a pesquisa empírica, com o real observado.

No que diz respeito ao embasamento metodológico, o qual permite criar um processo de observação do real/empírico e do teórico, encontra-se uma confusão ainda maior. Os alunos, principiantes na pesquisa científica, não compreendem a importância da metodologia em sua pesquisa e, mais uma vez, copia e cola técnicas e procedimentos, que muitas vezes não são entendidos nem adotados no seu percurso produtivo.

Refletindo sobre a Transmetodologia

O que me leva a escrever este texto, então, é discutir o motivo desse fenômeno, bem como tentar esclarecer o papel da teoria, da metodologia e do objeto empírico na pesquisa em Comunicação. Para isso, compartilho a opinião de que, além do referencial teórico, que é indispensável na pesquisa em comunicação, o embasamento metodológico é também decisivo no desenvolvimento da investigação. “A partir do referencial teórico, e com o apoio em métodos e técnicas de pesquisa, a atividade científica não só se organiza como também alcança seus objetivos” (IANNI *apud* LOPES, 2003, p. 11).

Com isso, apresento aqui algumas reflexões em relação à perspectiva transmetodológica, a partir da articulação de algumas premissas propostas por Maldonado (2006) às ideias de outros autores.

A perspectiva transmetodológica³ na pesquisa em Comunicação pressupõe a necessidade de articulação com outros campos científicos, em especial as ciências

³ Para um entendimento mais aprofundado da proposta da Transmetodologia, consultar: Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: A. E. Maldonado et.al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 271-294.



humanas. Principalmente após o avanço das tecnologias de comunicação e informação, a pesquisa em Comunicação tem se tornado mais complexa e, por esse e outros aspectos, existe a emergência do uso de metodologias e teorias múltiplas (MALDONADO, 2006). No entanto, o fato de defender a articulação entre os campos não significa que a transmetodologia desconsidere a importância da divisão da ciência em disciplinas. Pelo contrário, essa perspectiva prevê que as fronteiras entre os campos sejam zonas de compartilhamento, e não barreiras.

O desenho transmetodológico afirma, ainda, que a prática teórica é uma condição indispensável da pesquisa realmente científica. Entretanto, é preciso ter uma postura que leve em conta a pesquisa dos vários paradigmas, correntes, perspectivas e experiências de produção e sistematização teóricas (MALDONADO, 2008). Isso não significa acabar com a divisão criada pelas disciplinas, mas sim dialogar com todas aquelas que auxiliem na obtenção de um maior entendimento da problemática comunicacional (WALLERSTEIN, 1996).

A pesquisa científica precisa desenvolver teorias, mas este acaba sendo um dos pontos de maior dificuldade entre a maioria dos pesquisadores, principalmente os iniciantes, uma vez que o entendimento de produção de teoria costuma ser confundido com cópia ou aplicação da teoria em suas pesquisas, ao invés de um avanço teórico.

A transmetodologia, por sua vez, impulsiona a criação teórica, já que propõe a construção do objeto de pesquisa, pois compartilha a noção de que o objeto de pesquisa não está dado para ser analisado: ele precisa ser construído (BOURDIEU, 2003; BACHELARD, 1972). Essa construção se dá no embate enfrentado pelo estudante/pesquisador entre os âmbitos do empírico, do teórico e do metodológico.

Aos poucos, o pesquisador vai dando forma ao seu objeto, como na confecção de um vaso. Apesar de possuir o barro, a água, a habilidade manual e os instrumentos necessários, vai depender do artesão a criação do objeto. Além disso, depois de pronto, mesmo que o barro utilizado em sua produção seja o mesmo de outros vasos, todos serão diferentes em suas características principais e em suas particularidades. O “artesão”, por sua vez, se apropria de informações e processos já desenvolvidos para a confecção do seu artefato, mas, com sua habilidade, avança e inventa novos procedimentos que facilitam e aprimoram o seu fazer. Essa analogia vai ao encontro da noção do pesquisador como artesão proposta por Mills (1975), em que o sujeito



(artesão/pesquisador) tem domínio do processo e do produto do trabalho. O método, dessa forma, acaba sendo construído ao longo do processo pelo próprio artesão/pesquisador.

Assim, o aluno/pesquisador se depara com diversas concepções teóricas, com muitas pesquisas já desenvolvidas, com uma infinidade de dados que ele coleta no seu universo real e com formas e descrições de como fazer a pesquisa; contudo, o seu fazer deve ser particular. Ele, como autor da sua pesquisa, precisa tensionar a teoria, construir seu objeto e atribuir-lhe características únicas.

Esse pensamento vai ao encontro, também, do que é proposto por Maldonado (2002, p.3), que concebe o método como instância que “constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas que, no caso da ciência, têm por objetivo produzir conhecimento sobre fenômenos e processos do cosmos”. Ou seja, não existe um roteiro pronto a ser seguido na pesquisa em comunicação. O processo metodológico é dependente tanto do objeto quanto do pesquisador.

Outra questão relevante da perspectiva transmetodológica é situar o ser humano como elemento central da pesquisa. Com isso, “as ações estratégicas devem ser orientadas para o bem comum” (MALDONADO, 2006, p. 36). Nossas pesquisas devem buscar uma sociedade mais justa e igualitária, favorecendo a todos, e não um pequeno grupo privilegiado.

Infelizmente, o mais comum na atualidade é presenciarmos práticas diferentes em alguns setores que deveriam primar pelo desenvolvimento social, como, por exemplo, os órgãos de apoio e fomento às pesquisas. Muitas vezes, o que se vê é uma supervalorização de pesquisas voltadas para o desenvolvimento tecnológico e de gestão de grupos hegemônicos e poucos recursos voltados para pesquisas que buscam compreender e desenvolver a sociedade como um todo e que, principalmente, vão ao encontro dos interesses dos seres humanos de forma coletiva e inclusiva.

Mesmo que, nos dias de hoje, as ciências sociais tenham conseguido um reconhecimento de sua importância para o entendimento de diversos âmbitos da sociedade (WALLERSTEIN, 1996), a “superioridade” hierárquica e a valorização das ciências ditas “exatas” ainda é uma realidade. Na história das ciências é possível perceber que a matriz de criação das disciplinas favorece esse entendimento por parte da sociedade em geral, até mesmo no interior das instituições acadêmicas.



Compartilho a ideia de que subdivisão da Comunicação (MALDONADO, 2011), enquanto habilitações profissionalizantes – jornalismo, publicidade, relações públicas, rádio e TV –, seja um dos fatores que contribui para o desenvolvimento de pesquisas rasas. Os objetos comunicacionais são cada vez mais complexos, e a ideia de que cada uma das subáreas deve refletir apenas dentro de seus “quadrados positivistas” limita a reflexão e o desenvolvimento científico.

Outro fator presente na perspectiva transmetodológica é a importância de vincular a epistemologia ao concreto, ao mundo da vida (NORRIS, 2006). Precisamos respeitar as evidências encontradas na realidade, por mais que esses indícios alterem nossas hipóteses e verdades adotadas *a priori*. Ao se deparar com diversas questões postas por teóricos, o aluno/pesquisador, muitas vezes, vai para o campo com verdades assumidas que lhe causam uma cegueira na observação do real. É necessário ter o entendimento teórico, mas o concreto, muitas vezes, provoca um embate fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, precisamos descobrir, além de indícios, diversos métodos e processos de observação do real. Precisamos criar formas de observar nossos objetos, os quais, a cada dia, tornam-se mais complexos.

Essa complexidade dos objetos se intensifica à medida que a sociedade se transforma — de maneira acelerada, por sinal, atualmente. Precisamos levar em conta as identidades múltiplas e as mudanças nas paisagens culturais (MARTÍN-BARBERO, 2006). A cada dia nos deparamos com novidades na área da Comunicação, e essas novidades modificam, muitas vezes, não só as formas de interação social, mas a própria lógica da sociedade. A criação de redes sociais *on-line*, por exemplo, mudou a forma como convivemos em sociedade e como as organizações se relacionam com seus públicos; criou espaço para um novo modo de publicidade, apresentou outra lógica para o jornalismo, mas, principalmente, complexificou o processo de comunicação, no qual emissor e receptor se confundem.

Além disso, devemos lembrar que o verdadeiro processo de pesquisa transforma as pessoas, tanto o pesquisador quanto o seu entorno. Os pesquisadores precisam adotar uma postura que valoriza todos os tipos de conhecimento, uma vez que não é apenas o conhecimento científico e teórico que possui valor em uma pesquisa científica. É preciso reconhecer a importância e contribuição dos conhecimentos populares milenares para o avanço da ciência e da sociedade como um todo. Particularmente, essa é uma das premissas mais tocantes, no que diz respeito à minha experiência como pesquisadora, sobretudo na trajetória que percorri para o desenvolvimento da minha dissertação de



mestrado. Cada pessoa com quem pude conversar ao longo da minha pesquisa empírica reforçou a ideia proposta pela perspectiva transmetodológica de que o conhecimento sobre os mais diversos âmbitos não é um privilégio de poucos — como nós, que dedicamos a vida para pesquisar os fenômenos recorrentes na sociedade.

Em minha pequena caminhada como pesquisadora tive contato com uma senhora que, ao me relatar sua produção de sentido em relação a um filme publicitário, o fez com uma riqueza de detalhes e significados que meus olhos curiosos de investigadora não puderam captar no momento de análise do produto. Com isso, aos poucos, frases e parágrafos que havia lido faziam sentido. “A comunicação e a cumplicidade epistemológica assenta na ideia de que não há só uma forma de conhecimento, mas várias [...]” (SANTOS, 2006)

A produção de sentido de dona Marli, supracitada, não era atravessada pelo conhecimento técnico ou teórico em relação ao filme publicitário, mas por toda uma trajetória marcada por muito trabalho, sofrimento, alegrias e saberes. Seu grau de educação formal é o Ensino Médio. Já o de formação na vida é de quase 60 anos: origem alemã, experiência dupla de maternidade, filha de imigrantes, infância marcada pela reclusão e até preconceito, na época da guerra, em relação ao idioma que aprendera em casa. Ao ouvir a gravação da entrevista, algumas passagens de invenção e criação de estratégias para enfrentar as dificuldades do dia a dia me fizeram lembrar as táticas para burlar o institucionalizado⁴ proposto por Certeau (1996).

Foi lembrando-me de Certeau, Bachelard, Martín-Barbero, Santos, Maldonado, Bonin e tantos outros, enquanto atuava na busca de evidências que respondessem ou me fizessem modificar meu problema de pesquisa, que percebi o que é realmente a construção do objeto de estudo, o que significa o embate entre o empírico e o teórico. Além disso, percebi que, nesse processo, não é apenas o meu objeto que se modificava, mas também eu mesma enquanto pesquisadora. Tal reflexão me remeteu a uma das aulas do seminário de transmetodologia em que o professor usou o exemplo da ruptura entre o nosso eu antes e depois do mestrado para que entendêssemos a ideia de ruptura proposta por Bachelard (1981). O meu eu estudante, no início do mestrado, ao entregar o projeto de pesquisa — confesso que com uma bagagem teórica bastante frágil e limitada —, tinha poucas perguntas e muitas verdades, algumas até absolutas. Depois de

⁴ Certeau (1996) propõe que a sociedade possui regras que determinam as ações dos indivíduos, mas que os mesmos indivíduos desenvolvem estratégias, diferentes das regras propostas para sobreviver no dia a dia.



um longo e, ao mesmo tempo, curto processo, percebi que as verdades realmente são provisórias (BACHELARD,1981). Aos poucos, fui tendo muitas e cada vez mais perguntas, poucas verdades, e nenhuma delas absoluta.

É preciso entender que não existem modelos prontos, que o conhecimento científico não está dado, institucionalizado, mas que, em vez disso, ele transforma, e devemos contribuir para o seu avanço. Nossos objetos mudam e tomam novas formas a cada movimento, tanto no âmbito do empírico quanto no do teórico. Assim, é fundamental compreender a necessidade de buscar novas formas de observar os objetos comunicacionais, de maneira crítica, inovadora e criativa. Por fim, devemos perceber que a pesquisa é também um reflexo do pesquisador, da sua realidade, da sua história. Esses são, para mim, os principais aspectos propostos pela perspectiva transmetodológica, que favorecem uma alteração de paradigmas na pesquisa em comunicação.

Algumas considerações

É possível perceber que a Transmetodologia é uma proposta que abarca e reflete sobre todos os âmbitos da pesquisa. Pensar que a pesquisa é, como um todo, um processo transmetodológico nos ajuda a perceber que a metodologia não se limita a um capítulo do trabalho de conclusão; ela é, sim, o fio condutor de todo o processo de construção da pesquisa empírica e teórica.

Para os estudantes/pesquisadores que iniciam sua trajetória de pesquisa ou profissional, penso que o principal ponto a ser considerado é que, ao ingressar em um curso superior, devemos nos comprometer com o processo de desenvolvimento do campo em que estamos inseridos. Ou seja, somos também responsáveis pelo desenvolvimento de teoria na área. As teorias não estão definidas para copiarmos, estão aí para serem questionadas e desenvolvidas.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gastón. O racionalismo aplicado. In: BACHELARD, Gastón. Aepistemologia. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 113-141.

_____. Conhecimento comum e conhecimento científico. In: Tempo Brasileiro São Paulo, n. 28, p. 47-56, jan-mar 1972.



BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Epistemologia y metodologia; la ruptura; la construcción del objeto. In: P. Bourdieu, et. al. El oficio del sociólogo: presupuestos epistemológicos. 5ª ed. Madrid: Siglo XXI, 2003, p. 11-81.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

IANNI, Octávio in LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 2003. 2003, p. 11.

MALDONADO, A. Efendy. Premissas conformadoras de culturas científicas para a formação de investigadoras(es) em comunicação no contexto latino-americano de inícios do século XXI. In: A.E. Maldonado; BARRETO, Virgínea Sá; LACERDA, Juciano de Sousa (org.). Comunicação, educação e cidadania: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina. João Pessoa: Editora UFPB, 2011, p. 25-46.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: A.E. Maldonado; J. Bonin; Nísia Rosário (org.). Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 27-54.

_____. Práxis teórico-metodológica na pesquisa. In: A. E. Maldonado et.al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 271-294.

_____. Produtos midiáticos, estratégias e recepção: a perspectiva transmetodológica. In: revista Ciberlegenda, UFF, N°9, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de. (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-79.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 379.

NORRIS, Christopher. A título de resposta: verdade, conhecimento e o credo de Rumsfeld. In: NORRIS, Christopher. Epistemologia: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 31-58.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma epistemologia do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p. 75-153.

WALLERSTEIN, Immanuel; PRIGOGINE, Ilya; LECOURT, Dominique, et.al. A construção histórica das ciências sociais, do século XVIII até 1945; Os grandes debates no interior das ciências sociais, de 1945 até o presente. In: Wallerstein, et. al. Para abrir as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 1996, p.13-101.